

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CANTANDO NA ESCOLA INDÍGENA:
MÚSICA DOS POVOS KAINGANG E GUARANÍ**

ARTIGO MONOGRÁFICO

Juliana dos Santos

Santa Maria, RS, 2013

CANTANDO NA ESCOLA INDÍGENA: MÚSICA DOS POVOS KAINGANG E GUARANÍ

Juliana dos Santos

Artigo Monográfico apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito para conclusão do curso.

Orientadora: Prof^a Ms. Kelly Werle

Santa Maria, RS, 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o artigo
monográfico de Especialização**

**CANTANDO NA ESCOLA INDÍGENA:
MÚSICA DOS POVOS KAINGANG E GUARANÍ**

Elaborado por
Juliana dos Santos

Como requisito para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA

Kelly Werle
(Orientadora)

Cleonice Maria Tomazzetti (UFSM)

Laila Azize Souto Ahmad (UFSM)

Santa Maria, Outubro de 2013.

*Ao meu avô Abraão Matias, razão deste estudo,
Aos meus pais e aos meus filhos Patrick e Henrick.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar;

Aos povos indígenas Kaingang e Guaraní;

Aos meus alunos das escolas indígenas;

Aos professores indígenas Kaingang e Guaraní:

Evanice Kutá e Anísio Werá;

Aos professores do curso Especialização em Docência na Educação

Infantil, em especial, à professora mestre Kelly Werle,

por sua orientação na elaboração deste artigo.

RESUMO

Artigo Monográfico
Especialização em Docência na Educação Infantil
Universidade Federal de Santa Maria

CANTANDO NA ESCOLA INDÍGENA: MÚSICA DOS POVOS KAINGANG E GUARANÍ

Autora: Juliana dos Santos
Orientadora: Kelly Werle
Santa Maria, outubro de 2013.

Este artigo apresenta a importância da música nas escolas indígenas Kaingang e Guaraní de Salto do Jacuí/RS. A música é uma manifestação artística e expressiva importante na vida social e cultural dos povos indígenas. Este trabalho decorre do projeto “Cantando na Escola Indígena”, organizado e desenvolvido em duas escolas de aldeias indígenas Guaraní: Tekoá *Porã* (Salto do Jacuí/RS) e Flor da Mata (Estrela Velha/RS), e ainda uma escola de aldeia indígena Kaingang do Borboleta (Salto do Jacuí/RS). O projeto teve por objetivo proporcionar experiências musicais vinculadas à expressão cultural indígena com a finalidade, além de desenvolver as potencialidades estéticas das crianças, contribuir com o aprendizado da segunda língua. As atividades do projeto envolveram cantigas de roda populares e cantos indígenas próprios das culturas Kaingang e Guaraní, as quais foram realizadas nas três escolas, envolvendo crianças de Educação Infantil e Anos Iniciais. Através da realização da pesquisa, foi possível concluir que a música não pode estar dissociada das práticas curriculares da educação indígena, sendo perceptível que atividades com músicas são mais prazerosas e desenvolvem mais a aprendizagem e a interação cultural desses povos.

Palavras-chave: Música. Escola indígena. Kaingang. Guaraní.

ABSTRACT

SINGING AT INDIGENOUS SCHOOL: KAINGANG AND GUARANI PEOPLE MUSIC

Author: Juliana dos Santos
Advisor: Kelly Werle
Santa Maria, October 2013

This paper presents the importance of music in Guarani and Kaingang indigenous schools of Salto do Jacuí-RS. The music is an important artistic expression in social and cultural life of indian peoples. This study shows the project "Singing at Indigenous School", organized and developed into two schools of indigenous Guarani villages: Tekoá Porã (Salto do Jacuí-RS) and Flor da Mata (Estrela Velha-RS), and also Borboleta, a Kaingang's indigenous school (Salto do Jacuí-RS). The project aimed to provide musical experiences linked to the indigenous cultural expression with the purpose, in addition to developing the aesthetic potential of children, contribute to second language learning. Project activities involving rhymes and popular songs themselves indigenous cultures Kaingang and Guarani, which were performed at the three schools involving children in early childhood education and early years. By conducting the research it was concluded that music can not be dissociated from the curricular practices of indigenous education, and perceived that activities are more enjoyable with music and develop more learning and cultural interaction of these peoples.

Keywords: Music. Indian school. Kaingang. Guarani.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	12
Figura 2.....	14
Figura 3.....	18
Figura 4	19
Figura 5.....	20
Figura 6.....	22
Figura 7.....	23
Figura 8.....	23
Figura 9.....	26
Figura 10	27
Figura 11	30
Figura 12	30
Figura 13	33
Figura 14	36
Figura 15	37
Figura 16	38
Figura 17	39
Figura 18	40
Figura 19	44

ANEXOS

Termo de autorização 1	47
Termo de autorização 2	48

SUMÁRIO

1. MEMORIAL	11
2. A MÚSICA E AS CULTURAS INDÍGENAS KAIGANG E GUARANÍ	18
2.1 Projeto “Cantando na Escola Indígena”	18
2.1.1 <i>Cantando na Escola Indígena Guaraní</i>	19
2.1.2 <i>Cantando na Escola Indígena Kaingang</i>	23
2.2 Música, brincadeira e rituais na infância indígena	26
2.3 Desafios das Escolas Indígenas Kaingang e Guaraní	33
3. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	45

1. MEMORIAL

Sou a professora Juliana dos Santos, trabalho há treze anos em escolas indígenas Kaingang e Guaraní da cidade de Salto do Jacuí/RS. Particpei de vários cursos e seminários indígenas e encontro de professores indígenas do Rio Grande do Sul, tais como: Formação Continuada para Professores Indígenas - Etnia Kaingang e Guaraní, Seminário Estadual de Educação Indígena - Etnia Kaingang e Guaraní e outros seminários e cursos regionais.

Como trabalho com a Educação Infantil desde o início da minha carreira, senti a necessidade de continuar estudando, e por isso procurei fazer a especialização para qualificar o meu trabalho na Educação Infantil. Assim, em outubro de 2011 ingressei no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da UFSM, no qual tive a oportunidade de refletir sobre minha prática e ampliar meus conhecimentos. No curso tivemos uma disciplina que tratou sobre questões da música na Educação Infantil e, como percebo a importância da música nas culturas das crianças indígenas Kaingang e Guaraní de Salto do Jacuí/RS, resolvi realizar meu trabalho de conclusão do curso focalizando esse tema.

Para poder trabalhar na reserva indígena Guaraní, aprendi a falar a língua materna deles, o guarani, já que comecei a trabalhar com crianças de Educação Infantil que não tinham o conhecimento do idioma português. Hoje posso dizer que domino a língua indígena guarani e estou aprendendo a falar o kaingang com a Evanice Kutá, professora que trabalha com os alunos Kaingang, sendo que para os alunos Kaingang a língua materna é o português e a segunda língua, o kaingang.

Atualmente, trabalho na escola indígena Kaingang Almerinda de Mello com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Educação Infantil. A escola localiza-se no distrito de Júlio Borges, há 22 km da cidade de Salto do Jacuí/RS. Sou descendente indígena Guaraní, meu avô paterno é descendente de índio Guaraní. Sempre me chamaram atenção as curiosidades e as lutas indígenas por causa de meu avô, Abraão Matias, que ainda hoje conta de sua infância na roça e da vida de seus avós paternos. Atualmente, meu avô tem 87 anos e não esqueceu suas raízes indígenas, cultiva sua roça dentro do mato, em pequenas clareiras, manualmente. Para aproveitar mais a roça ele planta várias espécies de grãos num mesmo espaço, como: milho, feijão, melancia, amendoim, abóbora e outros. Guarda as sementes

para depois comer o restante, assim, não corre o risco de ficar sem a semente para a próxima safra.

Nessa escola sou aceita pela comunidade por ter descendência indígena, comprovada por um estudo antropológico realizado pela família dos Matias. O meu avô é o descendente mais velho entre os parentes vivos.



Fig.1 - Meu avô Abraão Matias e eu em sua residência.

Com esse histórico indígena comprovado pelo estudo antropológico dos descendentes indígenas de Salto do Jacuí, a diretora Fátima Trindade do Amaral sabendo pelo antropólogo de minha origem, convidou-me para trabalhar na escola indígena Kaingang.

Na escola Kaingang fui a terceira professora, tenho uma caminhada com esse povo indígena de treze anos, desde o ano 2000. Particpei de vários seminários, inclusive em 2002 particpei da elaboração da Constituinte Escolar Indígena na cidade de Marcelino Ramos, cursos de formação, pesquisas bibliográficas na graduação de pedagogia. Em 2006, parei de trabalhar nessa escola, para ir trabalhar na escola Guaraní, na qual permaneci até maio de 2009. Retornando para a escola Kaingang após esse período, de modo que permaneço até o presente momento.

Trabalho na escola Indígena Almerinda de Mello em dois turnos, pela manhã com alunos do ciclo 2, crianças na faixa etária de 9 e 10 anos, e no turno da tarde

com o ciclo 1, crianças da Educação Infantil de 4 e 5 anos de idade e 1º e 2º ano, as duas turmas são multisseriadas, num total das minhas turmas de 15 alunos, sendo 6 alunos de manhã e 9 alunos da tarde. Hoje a escola conta com 56 alunos matriculados no ciclo 1 e 2 e todos participam do projeto Cantando na Escola.

Já na escola indígena da reserva Guaraní, fui convidada para trabalhar, em 2006, pela coordenadoria de educação devido a minha experiência em escola indígena e aos diversos cursos e seminários indígenas que participei. Além disso, sou uma das únicas professoras não índia com formação continuada para professores indígenas Kaingang e Guaraní do RS, e tenho conhecimento da língua kaingang, devido à convivência com os índios e a necessidade de comunicar-me com eles.

Quando aceitei o convite e fui me apresentar na reserva indígena Guaraní *Tekoá Porã* (Aldeia Bonita), deparei-me com os índios falantes em seu idioma. Eles não me entendiam e nem eu entendia a eles. Fui para casa pensativa, mas com vontade de vencer esse obstáculo e aprender a falar a língua guarani. Logo pensei em meu avô que é descendente indígena Guaraní, mas que não domina a língua porque se afastou muito cedo de seus familiares para casar e trabalhar como empregado em fazendas. Minha avó, já falecida, era descendente alemã, mas não tinha conhecimento de sua cultura. Sua mãe falecera quando tinha dois anos de idade e foi criada pela madrasta que pouco sabia de sua descendência. Do mesmo modo, minha avó também não manifestou grande interesse pelos antepassados do meu avô, que não se cansa de contar suas histórias vividas do tempo de criança, suas caçadas na mata fechada e os animais selvagens.

Voltei para a reserva e fiquei uma tarde toda com eles; lavei as salas onde seriam as aulas, e as índias, mesmo sem saber falar o português, começaram a ajudar-me a lavar, pegando a vassoura e trazendo água no balde que eu havia levado. Só trocávamos sorrisos já que não havia comunicação verbal.

No final da tarde conheci um índio que se apresentou para mim dizendo que fazia poucos dias que havia chegado da Argentina, falava o português e espanhol muito bem e se chamava Anísio. Ele foi muito importante para mim, pois já começou a traduzir o português para o guarani para as índias que me ajudavam a lavar o chão da escola e, na mesma hora, convidei-o para ir a minha casa me ajudar com os planejamentos. Nossa amizade foi se estendendo e ele ficava todo fim de semana na minha casa. Arrumei umas roupas e sapatos usados com amigos e vizinhos para

ele ficar mais à vontade com minha família, já que ele não usava sapatos, ficava descalço ou de chinelos. Quando dei os sapatos, disse-me que nunca havia colocado calçado fechado e dias depois estava com os pés cheios de calos. Ria muito da dor e dizia: “- Como homem branco gosta de sentir dor nos pés!”



Fig. 2 – Fotografia minha e de Anísio na reserva Guarani, em uma das reuniões pedagógicas.

Quando começou o ano letivo, eu já conhecia todos os alunos e as mães também, pois elas sempre estavam por perto na sala de aula ou lá fora esperando a aula acabar. Adoravam como eu falava e riam muito quando eu pronunciava a língua guarani. Era um coro rindo de mim e claro, eu ria também. Algumas vezes, as mães ficavam todo o dia na escola, levavam os filhos menores de colo e animais de estimação, como quati, raposa e cães. Sempre mandava os animais para fora, mas imediatamente o aluno pegava no colo seu animal de estimação e colocava dentro da roupa ou na cabeça, no caso do quati e da raposa. Certo dia, pedi para uma aluna levar para casa seu animal de estimação que estava atrapalhando-a de copiar do quadro, pois caminhava pela sua cabeça. Mas, ela me disse que só ela poderia cuidar de seu animal, que seu pai e sua mãe não poderiam cuidar de sua responsabilidade, e que cada criança tem que ter responsabilidade com seu bichinho. E ficou ali na sala, aquele quati inquieto na cabeça dela! Mais tarde mandei os dois para casa já que seu animal de estimação estava com fome.

Não tinha merendeira e eu me virava como podia, fazia merenda, conversava com as mães, pegava os bebês e ensinava o português, claro, sempre com o meu amigo Anísio, que era meu intérprete. Quando acabava a aula, todos nós íamos para o rio nos banhar e eu ficava catando piolho com as mães na beira do rio até escurecer. Aprendi que o catar piolho é culturalmente um gesto de carinho com a criança, é a atenção da mãe e o afeto do catador que a criança aprende a amar e ser amado. Eu catei piolho e também fui muito catada pelas alunas que nunca achavam nada e sempre me perguntavam se branco não tinha piolho.

Foram nessas conversas informais com o povo Guaraní que aprendi a valorizar a vida deles: sua cultura, religião e a música. Então, cantávamos muito no rio e aprendi a importância da música para o povo Guaraní que está ligada diretamente com a luz divina do Deus *Nãnderu*.

A música indígena guarani incorpora sua concepção religiosa de mundo, pois para o povo guaraní a música e a palavra são desdobramentos da essência divina de *Nhanderu*, o primeiro pai e criador de tudo o que existe para o guaraní. É através da música que o povo guaraní se comunica com os Deuses (PYGUA, 2004, p. 74).

Assim, mal nenhum consegue chegar até a aldeia, porque o canto é tão poderoso que espanta toda a doença, morte, peste na lavoura, etc. A música Guaraní é a inspiração divina enviada aos índios através de sonhos (BORGES, 2002). Além disso, a música indígena infantil possui uma força religiosa muito forte, e eles acreditam que a alma da criança Guaraní é pura. A música infantil tem o poder de curar os demais índios e fortalecê-los na vida comunitária.

Aprendi com as mães a culinária Guaraní, como fazer o pão na brasa que vai muita farinha de milho socado no pilão na hora do preparo, e que não se pode deixar farinha pronta, mas sim o milho que outro dia será preparado a farinha. O pão na brasa também feito com essa farinha socada, muito gostosa. Ensinei meu pão caseiro feito de farinha de trigo, eles adoraram e pediram para eu fazer ou trazer o pão pronto de casa.

Todos os dias eu ganhava um artesanato dos alunos, feito com madeira ou sementes. Às vezes, as mães tiravam os seus próprios adornos e colocavam-me como gesto de carinho. Os meninos brincavam de fazer artesanato na hora do recreio e sempre levavam um artesanato para terminarem em aula e como eu queria ajudar a fazer, tentei. Mas, não dava muito certo e virava em risadas.

Quando fui convidada para trabalhar, para mim foi um presente, pois meu sonho era trabalhar com os índios do povo Guaraní pela descendência de meu avô, mas não imaginava que algum dia iria conseguir trabalhar com eles, já que na aldeia não tinha escola.

Eu tive o privilégio de ser a primeira professora da reserva Guaraní de Salto do Jacuí e pude contar a história de meu avô. Fui muito bem recebida e fui batizada por eles com nome indígena *Djatjuká*, que significa Deusa Superiora. Estudei e pesquisei muito a cultura para não entristecê-los, já que, além de ser a primeira professora na aldeia, sou branca. Aos poucos fui conquistando a confiança deles com meu trabalho e dedicando-me para aprender a língua guarani. Procurei mostrar um pouco da cultura branca com as cantigas de roda, brincadeiras, como: amarelinha, gata-cega e outras. Os pais vinham junto com os alunos para a escola e traziam crianças de colo também, era uma festa e eles foram se sentindo à vontade comigo e eu com eles.

No início de meu trabalho, como professora da aldeia Guaraní, eu não entendia a língua guarani e nem eles o português, de modo que a música foi nosso elo. Eu acompanhava cantando na língua guarani por mais que não entendesse a tradução, mas decorava as letras. Depois, eu também cantava as cantigas de roda populares, como “O Sapo Não Lava o Pé”, e eles decoravam e fazíamos uma troca de canções. Mais tarde, a cantiga do Sapo foi traduzida para o guarani.

Todas as manhãs, quando eu estava perto da aldeia, já ouvia o som do violão e do tamborim, isso me dava um ânimo e a certeza de que eles estavam gostando do meu trabalho. Cantávamos e dançávamos muito, aprendi muito com eles. No final do ano, eu já sabia falar o guarani e eles o português, e tudo isso devido à música que está presente na minha vida e na vida do povo Guaraní.

Em função disso, propus um projeto tendo por base a música, chamado “Cantando na Escola Indígena”, desenvolvido na escola de *Tekoá Porã*, aldeia Guaraní, e na escola Almerinda de Mello, na aldeia Kaingang, ambas localizadas em Salto do Jacuí/RS. Posteriormente, o trabalho acabou se estendendo à escola indígena Guaraní da aldeia de Estrela Velha/RS, mesmo não atuando nessa escola como professora. O projeto teve por objetivo proporcionar experiências musicais vinculadas à expressão cultural indígena com a finalidade de, além de desenvolver as potencialidades estéticas das crianças, contribuir com o aprendizado da segunda língua.

As atividades do projeto envolveram cantigas de roda populares e cantos indígenas próprios das culturas Kaingang e Guaraní, as quais foram realizadas nas três escolas envolvendo crianças de Educação Infantil e Anos Iniciais.

Na minha infância, a música foi muito presente com as cantigas de roda que minha mãe cantava para mim, e continuei esse processo de aprendizagem musical nas escolas Kaingang e Guaraní. Hoje sou coordenadora do grupo de dança e canto nas duas escolas de Salto do Jacuí/RS juntamente com meus colegas Anísio Kuaray Werá (índio e professor Guaraní) e Evanice Kutá (índia e professora Kaingang).

A cantiga de roda é uma manifestação folclórica e cultural, que ultrapassa o conceito de entretenimento na Educação Infantil. O cantar e o brincar de roda é um exercício que estimula e desenvolve a linguagem oral da criança. Nesse caso, o aprendizado no idioma kaingang e guarani, vem contribuindo para a interatividade cultural local das comunidades citadas, a socialização, a ludicidade, a memória e o prazer da aprendizagem.

Atualmente, apesar de não trabalhar mais na escola da reserva Guaraní de Salto do Jacuí/RS, continuo visitando-os com frequência, tenho muitos afilhados e participo das festas, de modo que continuam cantando as músicas trabalhadas durante o projeto.

Na escola Kaingang em que continuo atuando, o projeto foi ampliado através da criação de um grupo de dança. Assim, são realizadas apresentações de canto e dança em eventos fora da cidade de Salto do Jacuí/RS, mostrando que a música é um forte elemento cultural e pode ser também um instrumento de aprendizagem e revitalização de sua cultura.

2. A MÚSICA E AS CULTURAS INDÍGENAS KAIGANG E GUARANÍ

2.1 Projeto “Cantando na Escola Indígena”

A música é uma manifestação artística e expressiva importante na vida social e cultural dos povos indígenas, e a partir dessa concepção foi desenvolvido o projeto “Cantando na Escola Indígena”. Dessa forma a música, a partir de um processo lúdico e interdisciplinar, se tornou importante aliada para os processos de aprendizagem das crianças indígenas das reservas Kaingang e Guaraní nas escolas de Salto do Jacuí/RS e de Estrela Velha/RS.



Fig.3 - Crianças indígenas Guaraní de Estrela Velha brincando com as fantasias do projeto.

O projeto teve por objetivo proporcionar experiências musicais vinculadas à expressão cultural indígena com a finalidade de, além de desenvolver as potencialidades estéticas das crianças, contribuir com o aprendizado da segunda língua.

As atividades do projeto iniciaram em 2006, nas escolas Guaraní e Kaingang de Salto do Jacuí/RS, com a participação de, aproximadamente, 50 crianças e 3 professores, dentre os quais, um professor Guaraní, uma professora Kaingang e uma professora não indígena que sou eu.



Fig. 4 – Alunos da escola Guarani, brincando no espaço ludopedagógico.

2.1.1 Cantando na Escola Indígena Guarani

A reserva Guarani de Salto do Jacuí/RS tem aproximadamente 30 anos e faz apenas seis anos que tem escola na reserva. Durante muito tempo, um dos *Troncos Velhos*¹ que era *Kara*² não permitia que houvesse escola na reserva porque entendia que são os *Troncos Velhos* que deveriam educar as crianças e os jovens. Os índios Guarani conservam os costumes e tradições de seus antepassados e buscam perpetuar os ensinamentos aos jovens, como é o caso da língua materna guarani. Na reserva os índios comunicam-se somente através do idioma guarani.

¹*Troncos Velhos* são as pessoas mais idosas de cada núcleo familiar.

²Curador ou benzedor espiritual.



Fig.5 - Brincando com as crianças indígenas Guaraní de Salto do Jacuí na pracinha, e à esquerda o prédio da escola com duas salas de aula de madeira.

Com a morte do *Karáí*, o cacique resolveu pedir que se criasse uma escola já que os índios iam muito para a cidade vender artesanato e não sabiam falar o português. Isso atrapalhava a comunicação entre eles com os brancos, e assim diminuíam as vendas, prejudicando o sustento das famílias. Mesmo assim, a reserva ficou dividida e algumas crianças foram proibidas por alguns *Troncos Velhos* de irem à escola, alegando não ser importante para seu desenvolvimento como indígena Guaraní.

Alguns *Troncos Velhos* acreditam que o contato com outra cultura desmotivaria a sua própria cultura e não acham necessário que todos os índios da reserva aprendam a língua do homem branco, a língua portuguesa. Eles consideram um descaso com a sua cultura de origem e sentem medo de perder sua cultura e seus costumes. Acreditam que a escola pode influenciar a criança a não falar mais o guarani.

Desta forma, o trabalho pedagógico realizado na escola Guaraní, ao ampliar o universo cultural dos alunos através do contato com a língua Portuguesa, precisa também valorizar a cultura indígena, de modo que, as novas aprendizagens não representem minimizar a identidade indígena Guaraní.

Neste contexto, foi desenvolvido o projeto “Cantando na Escola Indígena Guaraní” com o objetivo de promover a ludicidade, expressão musical e interação social dos alunos através das trocas de experiências entre as culturas no processo de aprendizagem da segunda língua, o português.

Havia muitas dificuldades de comunicação em função do idioma, entre o professor não índio e alunos indígenas na escola, e foi através da música que conseguimos estabelecer uma comunicação significativa. Os alunos cantavam muito suas melodias e eu adorava suas canções. Uma de suas canções favoritas era o *Tangará*.

<p><i>Tangará</i></p> <p><i>Mboráí Nhahendú</i> <i>Nhahendú mavy</i> <i>In heté javyá hetá</i></p> <p><i>Tekoá Porã py</i> <i>Tekoá Porã py</i></p>	<p><i>Tradução</i></p> <p>Dança do Guerreiro</p> <p>Ouvimos e cantamos todos juntos Para fortalecer a alma E ficamos felizes</p> <p>Em Aldeia Bonita Em Aldeia Bonita</p>
---	---

Como eles percebiam o meu interesse pelas canções deles, passávamos muito tempo na aula cantando. Foi quando tive a ideia de fazer um projeto com cantigas populares cantando em Português e traduzindo e cantando, também, em guarani, a primeiras cantigas foram: O Sapo não Lava o Pé (*Kururu Ndojoi Ipy*), Borboletinha (*Popó’i*), Atirei o Pau no Gato (*Xivire Yvyra Amombó*).

Foi uma experiência significativa em que os alunos cantavam nos dois idiomas. O professor Anísio traduzia e cantava em guarani, e eu cantava em Português. O trabalho era organizado em períodos semanais na escola, as turmas eram multisseriadas do ciclo 1 (Educação Infantil e Anos Iniciais – 1º ao 4º ano).

Assim, através do projeto buscou-se valorizar e ampliar a cultura e a expressão musical dos alunos, criando, também, possibilidades de aprendizagem da segunda língua na escola Guaraní. Atualmente continuo desenvolvendo esse projeto

com inúmeras cantigas de roda populares e são os alunos que definem que músicas querem traduzir para o guarani e kaingang.

O projeto também foi levado para a escola da reserva Guaraní *Kaaguy Poty* (Flor da Mata) de Estrela Velha/RS, a convite do cacique João Paulo que em uma de suas visitas na aldeia *Tekoá Porã* de Salto do Jacuí, observou as crianças Guaraní cantando e dançando na escola e gostou muito do projeto. Então, convidou-me para desenvolver em sua aldeia em algum final de semana que eu tivesse disponibilidade. Por ser voluntário, participaram crianças de todas as faixas etárias e até os adultos adoravam cantar com as crianças, favorecendo assim a integração de toda a comunidade Guaraní de Estrela Velha/RS.



Fig. 6 - Crianças indígenas Guaraní cantando e dançando com as fantasias do projeto na sala de aula da reserva de Estrela Velha/RS.

Eu fui para a reserva Guaraní de Estrela Velha/RS com os professores Anísio e Evanice Kúta em três finais de semana para desenvolvermos voluntariamente esse projeto. Íamos com meu carro e levávamos as fantasias para as crianças brincarem à vontade, também levávamos carne e pão para o churrasco, pois saíamos cedo de casa e, às vezes, nós posávamos na reserva.



Fig. 7 - Almoço na reserva indígena Guarani de Estrela Velha com o professor Anísio.

2.1.2 Cantando na Escola Indígena Kaingang



Fig. 8 - Crianças indígenas Kaingang de Salto do Jacuí, cantando e dançando em frente à escola.

A escola indígena Kaingang de Salto do Jacuí foi construída com doações de madeiras, hoje são três salas de madeiras feitas pela comunidade Kaingang. A escola Kaingang de Salto do Jacuí/RS tem procurado revitalizar sua cultura e identidade indígena. Esse povo vem lutando há mais de vinte anos pela demarcação de suas terras tradicionais ocupadas no passado pelos fazendeiros que expulsaram e mataram os índios Kaingang da terra indígena chamada por seus antepassados de Terra Indígena da Borboleta (localizada no município do Salto do Jacuí/RS) porque diziam que toda essa área de terra que pertencia aos índios Kaingang fazia o contorno de uma borboleta.

Desde então, os índios lutam pelo direito de suas terras e pela revitalização de sua cultura, que se perdeu ao longo do tempo, como, por exemplo, a sua própria língua materna kaingang.

Em razão disso, tanto na reserva quando na escola Kaingang a primeira língua falada pelos índios é o português, os alunos não falam o idioma kaingang. Por isso, a proposta da escola é proporcionar o aprendizado do kaingang resgatando a origem cultural deste povo. Na escola, há uma professora índia que domina a língua falada e escrita kaingang e três professores não índios que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Os alunos, como não dominavam a língua kaingang, não tinham interesse por ela e muitos não participavam das aulas de revitalização por não gostarem. Com o projeto “Cantando na Escola” proporcionamos o resgate dos cantos dos mais velhos, como a canção *Una En Nãn Mag Hyn hán* (Quem fez a nossa natureza) e traduzimos várias cantigas de roda para o kaingang, como Borboletinha, o Sapo não Lava o Pé, Atirei o Pau no Gato (Ka Ta Ih Ni Gatú Penûn, Toto Sîn Fi, Pépo Ti Pi Ti Pên).

O projeto foi desenvolvido no ciclo 1, em períodos semanais globalizado com as demais disciplinas. E no ciclo 2 (Ensino Fundamental - 5º e 6º ano), foi desenvolvido em períodos semanais, o tempo era dividido com as aulas de artesanato e dança que eram oferecidas no turno inverso.

Una En Nãn Mag Hyn hán	Tradução
<i>Una krin mág</i>	Quem fez a Nossa Natureza
<i>Hyn hán</i>	Quem fez as grandes estrelas
<i>Una krin mág</i>	Quem fez as grandes estrelas
<i>Hyn hán</i>	Nosso Deus Pai
<i>Êg jónh ty Tupé</i>	Quem fez os pássaros
<i>Una jesîn</i>	Quem fez os pássaros
<i>Hyn hán</i>	Nosso Deus Pai
<i>Uma jesîn</i>	
<i>Hyn hán</i>	Quem fez as grandes águas
<i>Êg jónh ty Tupé</i>	Quem fez as grandes águas
<i>Uma goj mág</i>	Nosso Deus Pai
<i>Hyn hán</i>	
<i>Uma goj mág</i>	
<i>Êg jónh ty Tupé.</i>	

Os alunos adoraram e a participaram com envolvimento, começaram a desenvolver a leitura e escrita a partir das músicas do projeto. As atividades foram tão significativas que até se teve a iniciativa de organizar horas de canto na escola.

Hoje existe um grupo de canto e dança indígena Kaingang com coreografia, e assim, o projeto foi divulgado em várias escolas através de apresentações. Na escola os alunos falam e continuam cantando e se expressando na língua kaingang.

Para participar das atividades do grupo de danças as crianças são estimuladas a realizarem as pinturas no corpo, resgatando rituais da cultura Kaingang. As pinturas corporais são um símbolo tradicional para o povo Kaingang, de modo que, seus antepassados as faziam para ir para a guerra, casamentos e festas, como a festa do *Kiki* (festa dos mortos), uma das poucas festas ainda celebradas por eles. As pinturas também eram usadas pelos antepassados Kaingang para identificar os clãs, quando havia casamento entre os dois clãs *Kamé* e *Kairú*, definia-se o grau de parentescos. Quem era da metade do clã *Kamé* só poderia casar-se com a metade *Kairú*, pois *Kamè* com *Kamè* e *Kairu* com *Kairú* não

era permitido pelo grau de parentesco, assim evitava primo e irmão casar-se, já que no passado eram nômades e viviam juntas muitas famílias na mesma casa.



Fig. 9 – Aluna Kaingang, com pintura de sua metade tribal *Kamé*, preparando-se para cantar e dançar na escola. Ela compõe o grupo de dança Cantando na Escola Kaingang.

2.2 Música, brincadeira e rituais na infância indígena

A música sempre fez parte da identidade cultural dos países mundo afora. Os instrumentos foram criados em várias formas e tamanhos para produzir sons distintos como rituais, sons da natureza e sons dos pássaros.

Para criar as suas melodias e ritmos, os povos antigos se inspiravam no que ouviam, como os sons da natureza produzidos pelos animais ou pela água e a batida dos instrumentos de pedra. A música se tornou uma forma de se comunicar, se divertir, celebrar e até trabalhar de maneira eficiente. A música tribal não era escrita, mas transmitida oralmente a cada geração. O batimento, além do canto, os gestos, as palmas e a dança eram muito importantes na música tribal (KINDERSLEYL, 2011, pag.12).

Os sons musicais sempre acompanharam as melodias indígenas, seja nas canções de ninar, nos rituais, nas brincadeiras cotidianas na aldeia.

Simon Thorne, compositor galês (País de Gales, 2009), se uniu a um grupo de cientistas e antropólogos para reconstituir os possíveis sons musicais que os Neandertalenses (ancestrais do homem atual) produziam com a voz e os instrumentos de pedra, como o apito de osso do pé (40000 a.c., França), apitos feitos de osso de pé de animais como a rena foram descobertos nas escavações de vários sítios arqueológicos (KINDERSLEYL, 2011, pag.12).

A Flauta de Divje (4000 a.c, Eslovênia) feita com o osso de um animal, foi descoberta em uma caverna na Eslovênia, é um dos mais antigos instrumentos musicais. O canto de garganta também era produzido nos rituais Xamã, para se comunicar com os espíritos (KINDERSLEYL, 2011).

A flauta era um instrumento tocado só por mulheres indígenas Guaraní no passado, mas hoje todas as crianças são motivadas para aprender a tocar esse instrumento na reserva *Tekoá Porã* de Salto do Jacuí/RS.



Fig. 10 - Índia Guaraní tocando flauta de boca na festa da escola de Salto do Jacuí/RS.

Embora exista pouco registro da música na antiguidade, os historiadores usam fontes, como as pinturas dos túmulos, os desenhos em cerâmica e os próprios instrumentos. A música foi muito importante para a diversão e também para os rituais religiosos e as celebrações sociais. A palavra “Música” vem do Grego Mousike, ou “arte das musas”. Segundo a mitologia, as nove musas (deusas) deram ao homem os dons da música, da dança e do canto (KINDERSLEYL, 2011).

A música indígena tem recebido alguma atenção do ocidental desde o início da colonização do território, com os relatos de Jean de Léry (1998, p.205) sobre alguns cantos dos índios tupinambás, em 1558, e de Antonio Ruíz de Montoya, que traz um extenso universo de músicas indígenas do antigo povo Guaraní.

A música e o som estão relacionados com a espacialidade física do indígena que nomeiam os lugares, a cartografia da floresta e o movimento dos habitantes, como os animais e, em especial, os pássaros que são fonte de inspiração para os indígenas com seu canto. O Guaraní acredita que o canto do pássaro pode trazer alegria ou tristeza dependendo da hora que canta e como ele canta.

Beineke (2001, p.21), afirma que “a música ajuda a demarcar territórios culturais identificando grupos e formas de vida”. Para o indígena, a música é tão importante como o real e o concreto por ser um elemento criado pela natureza.

A fascinação que a música exerce sobre a criança Guaraní é visível, e, desde muito cedo, as crianças aprendem com os *Troncos Velhos* as cantigas tradicionais e vivenciam cantigas de ninar que as mães cantam para que não tenham sonho mal e não acordem à noite chorando assustadas. A exemplo das canções de ninar, existem outras canções que são cantadas somente para as crianças, como *Mitã Monguea* que devem ser cantados para as crianças quando elas são bem pequenas, *KyringueMborai* cantos religiosos infantis. Além disso, a música infantil possui uma força religiosa, o Guaraní acredita que a alma da criança é pura, e seu canto tem poder de curar e fortalecer a casa onde vive (NOBRE, 2007).

A música tem uma forte presença no universo simbólico infantil Guaraní, a criança canta em diversas situações cotidianas em suas brincadeiras e na aldeia. Existe um canto tradicional cantado somente por um coral infantil, e a dança e o canto preferido pelas crianças é o *Tangará*, conforme já citado, que hoje é cantado e dançado por todos, mas no passado era uma dança feminina executada com violão e rabeca. A flauta é tocada pelas meninas e sempre há quem saiba tocar melhor (BASTOS, 1999).

Os cantadores Guaraní afirmam em Ñande Arandu Pygua (2004, p. 74)

A música guaraní integra sua concepção religiosa de mundo, pois para o guaraní o canto e a palavra, são desdobramentos da essência divina de *Nhanderu*, Nosso Primeiro Pai, criador de tudo que existe. Através do canto e da palavra o guaraní se comunica com os deuses. O canto é uma inspiração divina enviada aos homens através do sonho. O canto infantil possui força religiosa, pois as almas das crianças são puras. O canto tem o poder de curar as pessoas e fortalecer a vida comunitária.

Alguns estudos vêm sendo feitos sobre a infância no contexto das culturas indígenas, tais como: Cohn (2000) e Alvarez (2004). Cohn pesquisou a concepção de *xikrim* (crianças) na infância indígena e aprendizado. Alvarez pesquisou a criança indígena e os processos de formação e aprendizagem e escolarização indígena.

De acordo com Cohn (2000), as crianças Guaraní, cantam, dançam, brincam e são criadas em total liberdade, raramente recebem algum tipo de repressão e crescem com bastante autonomia. Brincam com grande liberdade, fazem o que bem querem, mas sempre debaixo dos olhos da família que é extensa, composta de pai, sogro, filhos solteiros, filhos casados, genros e noras, primas e primos. A criança Guaraní mantém assim uma extensa rede de relações familiares que acompanha suas brincadeiras diárias.

A brincadeira da criança indígena Guaraní de Salto do Jacuí está sempre relacionada com os afazeres dos pais, como brincar de pescar, buscar alimentos na roça, cuidar das crianças mais novas, brincar de ser mãe ou pai, tudo dentro de um universo simbólico tipicamente indígena. Os únicos obstáculos das brincadeiras indígenas são o perigo na mata e objetos cortantes para a preparação do artesanato em madeira corticeira usada para fazer os animais.

Nunes (2002), ao traçar um quadro sobre o lugar da criança nos textos sobre sociedades indígenas brasileiras, refletindo sobre a sociedade Xavante, questiona:

Será que podemos aplicar às crianças indígenas o mesmo conceito de brincar que aplicamos às crianças na nossa sociedade? Será que os índios Xavantes consideram brincadeira um menino ir para o rio e tentar pescar imitando seu pai? Estará brincando ou imitando a mãe a menina que volta da roça com sua cestinha cheia de mandioca? E aqueles que brincam de casinha e ao mesmo tempo tomam conta dos irmãos de colo, e ainda brincam de socar o arroz que vai servir, de verdade, para a refeição do dia? Ou isso será trabalho? O que, afinal, brincar significa para os Xavante? E imitar os adultos? E trabalhar, o que é? Que expectativas, conscientes ou inconscientes, estão contidas nos conceitos de brincar e /ou imitar e /ou trabalhar, tanto para as crianças como para os adultos?(NUNES, 2002, p. 266).



Fig. 11 - Crianças indígenas Guaraní de Salto do Jacuí dançando na festa do Índio.



Fig. 12 - Crianças Guaraní de Salto do Jacuí brincando de vender artesanato na reserva.

O autor problematiza aspectos culturais que constituem a infância da sociedade indígena Xavante, questionando se as atividades das crianças compõem o brincar ou o que consideramos na sociedade Ocidental como trabalho infantil.

Esses aspectos demonstram a inserção social da criança na vida em comunidade desde muito cedo, na qual participa e realiza atividades tendo suas próprias responsabilidades para cumprir. Neste sentido, “a criança Guaraní participa desde cedo das rezas, cantos e das danças e festas da aldeia, e a noção de infância entre o povo Guaraní é um construto sociocultural que integra a cosmovisão desse povo” (NUNES, 2002, p. 266).

A criança Guaraní acompanha diversos rituais típicos de sua cultura, como rito da primeira menstruação da menina e o rito de passagem de menino para jovem. Durante o ano, as meninas Guaraní que menstruavam pela primeira vez se afastavam da escola para viver um ritual espiritual, que era a passagem de criança para mulher. Elas ficavam um mês num quarto escuro da casa onde só a mãe podia entrar e banhar sua filha com cinzas e cortar seu cabelo pela raiz, assim impedia que algum espírito mal se apossasse da menina. Ensinavam a fazer artesanato de sementes e pequenos artesanatos de madeira. Nesse quarto, a menina recebia uma alimentação diferenciada à base de farinha de milho e água, nada podia ter sal ou açúcar e ninguém podia vê-la a não ser sua mãe ou avó. Quando completava um mês, a menina saía do quarto com um pano branco na cabeça e, então, deveria aguardar a próxima menstruação para ficar mais um mês. Assim, estava pronta para casar e ter filhos, se caso a avó quisesse e o cacique permitisse.

Tentei visitar uma aluna, mas não me deixaram falar com ela e aguardei-a retornar para a escola. Quando as alunas retornavam à escola estavam irreconhecíveis, magras com cabelos muito curtos, mas o que me chamou a atenção era a alegria delas de serem mulheres e serem vistas com outros olhos perante a aldeia. Esse ritual é muito importante para a menina Guaraní e, segundo o cacique, será sempre preservado pelos Guaraní. É nesse ritual que a mãe ensina o mundo espiritual da mulher e como ser uma mulher Guaraní, com suas responsabilidades de cuidar da casa, e mais tarde cuidar de seus filhos e educá-los.

Nesse período de reclusão, a menina também aprende a fazer seu próprio artesanato criando adornos para enfeitar-se, que é uma qualidade na mulher Guaraní, bem como vendê-los para prover o sustento da sua família. Quanto mais pulseiras, colares e brincos, mais bonitas para a sociedade indígena. Elas são responsáveis pela confecção do artesanato de sementes e pequenos artesanatos em madeira.

Para o menino Guaraní se tornar jovem, ele também deverá passar por um ritual: ir ao mato aprender a cortar e buscar lenha para o fogo, fazer fogo de chão (que nunca pode ser apagado numa casa Guaraní), plantar e colher uma roça de milho, feijão ou amendoim, dependendo da época de cada semente. Após a colheita, o menino deverá levar parte dela a sua avó e outra parte ao *Karai*³. A avó é a chefe da casa, ela que aprova ou reprova a aptidão do menino após realizar as tarefas. Só depois desse processo que eles são reconhecidos como jovens e, mais tarde, aprovados pelas avós das meninas Guaraní. E, se caso a roça não der bons frutos, o menino não pode se casar e é amaldiçoado por não ter mãos boas para o sustento da família que é composta por avós, avôs, tios, primos, cunhados, pai, mães e parentes que sempre permanecem na mesma casa.

Na família Guaraní os avós são os chefes da casa, os quais possuem o conhecimento e nada passa despercebido por eles. São eles que tratam os casamentos e descasam quando não gostam de algum novo membro da família: as noras ou os genros. No caso de morte dos avós, toda a família sai da casa e vai morar em outra casa. Tem os avôs que são chamados por eles de *Troncos Velhos*, que são os mais velhos da casa que decidem os casamentos dos filhos, netos, enfim, decide tudo na casa e decidem o futuro da reserva Guaraní, e nas reuniões de família ninguém decide nada na casa sem a permissão deles.

O parto Guaraní também é repleto de rituais e regras a serem obedecidas pela casa, na qual a família inteira deve fazer uma dieta de frutas e não comer carne durante um período, e as crianças do núcleo familiar também participam desses ritos como integrantes da casa.

As crianças Kaingang de Salto do Jacuí, por terem perdido parte de sua cultura devido o acultramento, perderam os rituais indígenas, vivendo os costumes do *homem branco*, diferenciando-se assim das crianças que vivem seus rituais no seu cotidiano da reserva Guaraní.

A concepção de infância indígena possibilita um olhar de reflexão na educação das crianças na escola. Questiono: Como cultivar esses saberes e como perpetuar essas culturas infantis Guaraní e Kaingang na escola?

³Benedor e curador espiritual da aldeia.



Fig. 13 - Crianças Guarani de Salto do Jacuí brincando na reserva Tekoá Porã.

2.3 Desafios das Escolas Indígenas Kaingang e Guarani

As escolas Guarani e Kaingang de Salto do Jacuí/RS são constituídas de projetos educacionais específicos, tais como o projeto “Cantando na Escola Indígena”. As duas escolas contam com professores indígenas e não indígenas, que desenvolvem projetos específicos voltados as suas realidades socioculturais e históricas, respeitando a organização social e valorizando a língua materna, os saberes e conhecimentos tradicionais desses povos.

A legislação brasileira reconhece os saberes indígenas e prevê sua inclusão nos currículos do ensino público e privado, bem como, a valorização da diversidade cultural. Para as escolas indígenas, estabelece-se que devem utilizar as línguas maternas e os processos nativos de aprendizagens e propõe a formulação de currículos diferenciados.

De acordo com a constituição de 1988 “o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (BRASIL,1988, Art.210 § 2º).

Observa-se que na escola indígena Kaingang, os alunos possuem a oportunidade de aprender a sua língua de origem, o kaingang, com uma professora

indígena que domina a escrita e a oralidade. Com o projeto “Cantando na Escola”, a música proporcionou a aprendizagem da língua kaingang, oportunizando as crianças e aos pais esse conhecimento e revitalização de sua cultura.

Na escola indígena Guaraní de Salto do Jacuí e Estrela Velha, os alunos são falantes da língua materna guarani, e o projeto “Cantando na Escola”, proporcionou a aprendizagem da segunda língua, o português. Foram traduzidas diversas cantigas de roda para o dialeto nas duas línguas, valorizando e promovendo o reconhecimento da cultura indígena.

O que está em consonância com a Constituição:

Art.215: O estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º: O estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Art. 231: São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre suas terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BRASIL, 1988).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os saberes indígenas também são contemplados, demonstrando a relevância das escolas indígenas adaptarem seus currículos para atenderem às especificidades de cada etnia.

Art.26: Os currículos de ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura e da economia.

§ 4º: o ensino da história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e europeia.

Art. 78: O Sistema de Ensino da União com colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para a oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I – proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II – garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não indígenas.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs - MEC, 1997) encontra-se a questão da pluralidade cultural como um dos temas transversais, e o

reconhecimento da diversidade sociocultural brasileira das escolas indígenas. Sobre a temática indígena, os PCNs fazem a seguinte consideração:

Tratar da presença indígena, desde tempos imemoriais em território nacional, é valorizar sua presença e reafirmar seus direitos como povo nativo, como tratado na constituição federal de 1988. É explicitar sua ampla e variada diversidade, de forma a corrigir uma visão deturpada que homogeneiza as sociedades indígenas como fossem um único grupo, pela justaposição aleatória traços retirados de diversas etnias. Nesse sentido, a valorização dos povos indígenas faz-se tanto pela via da inclusão nos currículos de conteúdos que informem sobre a riqueza de suas culturas e a influência delas sobre sociedade como um todo, quanto pela consolidação das escolas indígenas que destacam, nos termos da constituição, a pedagogia que lhes é própria (MEC, 1997, p.39).

A educação indígena contempla também a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, de modo, que constitui um direito das crianças indígenas e não indígenas a partir dos quatro anos, conforme a Constituição Federal de 1988 no Art. 208, que diz que a “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009).

Referente à Educação Infantil, são asseguradas que “as práticas educativas devem promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras” (MEC, 1998, p. 13). Para isso ser possível, um dos princípios regentes deve ser “o respeito à dignidade e aos direitos das crianças indígenas e não indígenas considerando suas diferenças individuais, culturais, sociais, econômicas, religiosas, étnicas, etc”.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) é garantida a autonomia dos povos indígenas na escolha dos modos de educação de suas crianças de 0 a 5 anos de idade, as propostas pedagógicas para os povos que optarem pela Educação Infantil devem:

Proporcionar uma relação viva com os conhecimentos, crenças, valores, concepções de mundo e as memórias de seu povo; Reafirmar a identidade étnica e a língua materna como elementos de constituição das crianças; Dar continuidade à educação tradicional oferecida na família e articular-se às práticas socioculturais de educação e cuidado coletivos da comunidade; Adequar calendário, agrupamentos etários e organização de tempos, atividades e ambientes de modo a atender as demandas de cada povo indígena (BRASIL, 2010, p. 23).

O grande desafio das escolas indígenas Kaingang e Guaraní de Salto do Jacuí e Estrela Velha é de promover, desenvolver e adequar-se às especificidades de seus conhecimentos, bem como processos nativos de ensino aprendizagem às normas gerais propostas pelo Estado.



Fig. 14 - Crianças indígenas Guaraní de Salto do Jacuí brincando de carretinha feita pelos pais.

O censo escolar de 2002 (INEP, 2007) apontou a existência de 1.392 escolas indígenas no Brasil. Destas, pouco mais da metade (751 escolas) utilizava referenciais e somente 424 delas utilizavam material didático específico. As escolas indígenas de Salto do Jacuí e Estrela Velha utilizam material didático específico feito pelos próprios professores como apostilas com traduções indígenas, cantos e histórias contadas pelos mais velhos na língua materna. Além disso, na escola são confeccionados artesanatos próprios de cada cultura com os alunos indígenas de cada faixa etária. Na Educação Infantil são usados como materiais cipó e sementes para fazer os artesanatos pequenos e adornos indígenas.

As características que constituem princípios para a elaboração de projetos das escolas indígenas de Salto do Jacuí e Estrela Velha são as efetivas participações das comunidades indígenas de cada etnia. Partindo do desenvolvimento de currículos específicos, com calendários escolares que respeitem as atividades tradicionais dos diferentes grupos, com metodologias de

ensino diferenciadas, com a incorporação dos processos próprios de avaliação de aprendizagem flexíveis.



Fig. 15 - Criança indígena Kaingang de Salto do Jacuí na área de sua casa.

O currículo das escolas indígenas de Salto do Jacuí e Estrela Velha tem como construção do conhecimento, transformação social referenciada na realidade histórica dos dois povos acima citados, e em plena interação com os diferentes saberes e com a valorização da cultura indígena num contexto multicultural.

Já a Proposta Pedagógica das escolas indígenas Kaingang e Guaraní de Salto do Jacuí e Estrela Velha, consideram que a criança indígena é um ser social, com sua cultura e religiosidade em formação crítica frente às desigualdades e injustiças sociais, visando o acesso e permanência e aprendizagem, através da interação social da escola e com interação com outras pessoas na sociedade onde vivem.



Fig. 16 - Alunos indígenas Kaingang de Salto do Jacuí em momentos de integração cultural na sala de aula.

A organização das Escolas indígenas Kaingang e Guaraní de Salto do Jacuí, são por ciclos de aprendizagens. O ciclo 1 contempla a Educação Infantil e os Anos Iniciais dos Ensino Fundamental – 1º ao 4º ano. É o período inicial do educando indígena na escola, o qual ingressa com 4 e 5 anos de idade. Nesse ciclo o educando indígena Kaingang e Guaraní conhece o mundo da mitologia indígena, com a oralidade na sua língua materna, com seus cantos e contos. O domínio pelo mundo mitológico e as lendas indígenas são fortes na cultura indígena, como, por exemplo, o Curupira, que é responsável pela preservação da mata; a lara, uma índia má que mata os indiozinhos que desobedecem aos pais e vão para o rio nadar depois do pôr do sol, e muitas outras que levam a criança ao mundo da imaginação.

No ciclo 2, que equivale ao 5º e 6º ano do Ensino Fundamental, de acordo com Projeto Político Pedagógico da escola indígena Kaingang, o aluno é estimulado a analisar, decidir, planejar, pesquisar e expor suas ideias e tem uma participação ativa na sociedade onde vive. Deve ter domínio da segunda língua.

Quando as crianças concluem o segundo ciclo elas são direcionadas a uma escola regular da cidade de Salto do Jacuí, contudo a maioria delas opta por não continuar freqüentando a escola, muitas vezes, por não se adaptar a uma realidade diferente da sua comunidade.

Focalizando o primeiro ciclo, no qual foi desenvolvido o projeto, percebo que cantar e dançar e, principalmente, o brincar é uma das linguagens das crianças indígenas na Educação Infantil. Elas interagem na escola de forma prazerosa, construindo sua identidade indígena, cultivando seus saberes indígenas, ampliando relações e conhecimento da sociedade do homem branco.



Fig. 17 - Índios Guaraní de Salto do Jacuí apresentando-se na reserva para visitantes.

A música é muito importante para perpetuar a cultura indígena Kaingang e Guaraní, pois dessa forma, o aluno indígena será instigado a valorizar e ampliar sua cultura, com alegria, prazer e vontade de cantar e dançar, ao mesmo tempo, expande os movimentos de aprendizagens da escrita e leitura do seu dialeto. Além disso, estabelece laços de percepções, respeito pela sua cultura e a afetividade com colegas e professores.

Todas as atividades que envolvam a música no ambiente de trabalho escolar indígena devem buscar um espaço de sua cultura, socialização, dramatização, expressão corporal, dança e a pintura das metades tribais, visando resgatar as

tradições usadas pelos seus antepassados nos rituais das guerras, festas, casamentos, rituais dos mortos e outros.

A escola visa desenvolver no educando uma postura crítica, frente ao meio social que o cerca, conscientizando-o dos valores culturais da sociedade indígena e da sua cultura, da importância de viver em comunidade, e do conhecimento de outras culturas que interagem no seu cotidiano escolar e familiar.

Temos como diretrizes curriculares o trabalho da comunidade artesã, procurando resgatar a cultura como um todo, seja através da língua, do artesanato, do canto e dança. Realizamos trabalhos envolvendo toda a comunidade e é feita anualmente a festa do índio unido as duas etnias Kaingang e Guaraní, em prol da cultura e saberes indígenas de Salto do Jacuí e região.

A escola possibilita a integração da natureza, e a mata como sustentabilidade, os rios como riqueza natural e indispensável ao índio e aos demais seres vivos, e principalmente com a música, considerada por eles um presente de Deus.



Fig. 18 - Índia Kaingang de Salto do Jacuí coletando cipó no mato para fazer artesanato na escola.

Há também que considerar a escola é um espaço privilegiado para promover a etno-sustentabilidade das comunidades indígenas, melhoria das condições de vida, autonomia para fazer escolhas, a motivação e o reforço da identificação étnica.

A escola indígena é muito importante para possibilitar o acesso e ampliação cultural dos índios. Os índios do passado não se preocupavam com a escrita, era tudo baseado na oralidade. A música era a extensão de fala, elaborada e transmitida por intermédio de imagens e enunciações rituais. Não haviam registros escritos, a transmissão ocorria em função da memória, por intermédio dos *Troncos Velhos*.

Os índios de hoje têm outras necessidades, são informatizados, alguns autores de livros indígenas. Muitos índios Kaingang têm formação acadêmica, buscam seus direitos como indígenas, ocupam as vagas nas universidades para índios e fazem valer de seu potencial como ser humano com capacidades intelectuais e sociais como qualquer outro cidadão brasileiro.

Os índios Guaraní são mais reservados, conquistaram o magistério específico indígena Guaraní para professores com aprofundamento teórico próprio de sua cultura. Nesse sentido, é importante que os índios possam ter acesso à escola, às universidades para assim poderem ter acesso a outras culturas, bem como, valorizar e revitalizar sua própria cultura de origem.

3. CONCLUSÃO

Realizar o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil na UFSM foi um presente inesperado que aconteceu em minha vida. Com o decorrer do curso pude avaliar a minha atuação docente como educadora na escola indígena de Educação Infantil e Anos Iniciais. Conheci e estudei sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que até então eu não tinha conhecimento como educadora infantil. Através do estudo sobre as diretrizes percebi que a Educação Infantil Indígena recebeu um destaque que era inexistente nas legislações anteriores.

A partir deste curso tive a oportunidade de resgatar e refletir sobre o Projeto Cantando na Escola Indígena realizado em 2006, cujo foco era proporcionar experiências musicais vinculadas à expressão cultural indígena. O trabalho desenvolvido teve inúmeros aspectos positivos para a prática na Educação Infantil Indígena, principalmente com relação ao desenvolvimento musical e suas potencialidades, valores e hábitos valorizando sua própria cultura. A música possibilitou a construção de vínculos afetivos e troca de conhecimentos entre os alunos através da segunda língua cantada, ampliando gradativamente a comunicação e aprendizagem dos mesmos. A música e dança favoreceram e ampliaram as relações sociais das crianças dos povos indígenas Kaingang e Guaraní de Salto do Jacuí/RS, respeitando a diversidade e desenvolvimento, explorando seu universo cultural.

Percebo, cada vez mais, como educadora infantil indígena a importância de ser uma agente transformadora do meio social e, acredito que, o curso em Docência na Educação Infantil contribui para esse processo. Aprendi que brincar, expressar emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades utilizando as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) são fundamentais para o desenvolvimento infantil, de forma que é preciso compreender os processos infantis de construção de sentidos e significados. Pretendo continuar promovendo e contribuindo com o processo estético e expressivo dos povos Kaingang e Guaraní de Salto do Jacuí, contemplando os conhecimentos que adquiri no curso, através de atitudes de respeito, valorização e interesse pela cultura indígena. Os povos indígenas têm o direito de se comunicarem por meio de suas línguas maternas nos

processos educativos escolares e a música veio para somar nesse processo que é amparado pela Constituição de 1988 e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

Entendo que o trabalho realizado através do projeto Cantando na Escola Indígena favoreceu a integração social dos alunos com sua comunidade e a transmissão de saberes específicos de aprendizagens, respeitando e valorizando a pluralidade cultural de cada etnia, Kaingang e Guaraní.

Percebo que, a música não pode estar dissociada das práticas curriculares da educação indígena, tendo em vista o seu valor cultural intrínseco. Pude observar que as atividades com músicas são significativas e prazerosas e possibilitam desenvolver a aprendizagem e interação social dos alunos. A criança indígena Guaraní por meio do brincar com a música na forma de expressão de seu mundo, constroi uma representação de sua cultura, que tem como base a música e a dança.

Através do desenvolvimento do projeto “Cantando na Escola”, constatei que a música constitui potência incentivadora das aprendizagens acerca da cultura indígena nas escolas. A escola poderá ser um novo foco de elaboração educativa na cultura Guaraní, utilizando as ferramentas existentes em sua cultura como a língua materna, a dança e principalmente a música que está inserida na sua cultura.

Existe grande possibilidade de espaços na escola indígena, para que a criança desenvolva atividades como a música e a dança. Esses espaços se constituem como elementos nas quais as crianças indígenas poderão desenvolver relações com o meio que estão inseridos na sociedade cultural e local, criada por ela mesma e interdisciplinar com a escola.

Segundo Pilotto (1946, p. 22)

Conduzimos a criança a criar sempre. De par com isso, estivemos animados da ideia de que a criança pode e deve estar em contato com valores mais altos da cultura humana. Sabemos de ciência própria, pelo trato assíduo com esse processo, que há obras imortais de todas as artes, da pintura, da música, da escultura, da literatura, que são perfeitamente acessíveis a uma criança ainda no jardim de infância, dependendo tudo da maneira como lhe forem às coisas apresentadas.

A música, a dança, a arte estão presentes em toda a parte. O brincar, o cantar, o dançar são formas por excelência de aprendizagens. Por meio da interdisciplinaridade e do lúdico, a criança manifesta suas emoções, estabelece

ligações sociais e culturais, descobre a capacidade de escolher, decidir e de participar das propostas recebidas do professor.



Fig. 19 - Cantando com os alunos e comunidade Guarani de Salto do Jacuí/RS.

Faria (2001) define que a música é um importante fator na aprendizagem, pois a criança desde pequena já ouve música, a qual muitas vezes é cantada pela mãe ao dormir, conhecida como cantiga de ninar. Na escola, a música deve ser um instrumento importante, pois o indígena já convive com variados sons musicais desde pequeno, com os mais velhos nos seus rituais e cultura.

O professor deve atuar de forma lúdica na sua prática docente. A ludicidade traz momentos de felicidade, liberdade e de espontaneidade, trazendo consigo uma criança que se expresse com mais naturalidade e sinta o gosto de aprender e sistematizar a segunda língua nas aulas de português e nas aulas culturais kaingang/guarani, partindo das músicas cantadas de sua cultura, desta forma acompanha a historicidade de seu povo que está presente na música e na dança.

A música por meio da interdisciplinaridade é uma possibilidade de trabalho para o professor na sala de aula, pois pode potencializar o processo de ensino aprendizagem nas escolas, podendo ser trabalhada de várias formas. Cabe ao professor, valorizar as diferentes expressões musicais e culturais dos alunos, aproveitá-las para tornar a aprendizagem dos conhecimentos lúdica e prazerosa, buscando respeitar e preservar valores culturais de cada povo.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, M. Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização. **Revista Antropológica**, ano 8, volume 15, n.1, p. 49-78, 2004.

ANTUNES, Amauri Araújo. **Performance da Música Indígena no Brasil**. São Paulo: Hemispheric Institute, 1999.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BASTOS, Rafael José de Menezes; PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Sopros da Amazônia: Sobre as Músicas das Sociedades Tupi-guarani. In: **Antropologia em Primeira Mão**, 34. Florianópolis: UFSC, 1999.

BEINEKE, Viviane. Funções e Significados das Práticas Musicais na Escola. **Presença Pedagógica**, volume 7, n. 40. Belo Horizonte, 2001.

BORGES, Paulo H. Porto. Sonhos e nomes: as crianças guaraní. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 56 (Infância e educação: as meninas), p. 63-62, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Infantil e fundamental. **Guia de livros didáticos**, volume 5, História. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Infantil e Fundamental, 2004.

COHN, C. **A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado**. Dissertação de Mestrado. USP, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. Olhos de poder sobre o currículo. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, FAE/UFRGS, v. 21, n. 1, (Currículo e política de identidade), p.46-70, jan./jul.1996.

ESTEVÃO, Vânia Andréia Bagatoli. **A Importância da Música e da Dança no Desenvolvimento infantil**. Monografia (Especialização em Psicopedagogia), Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense - CTESOP/ CAEDRHS, 2002.

FARIA, Márcia Nunes. **A Música: Fator Importante na Aprendizagem**. Monografia (Especialização em Psicopedagogia), Centro Técnico Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS, 2001.

KINDERSLEYL, Dorling. **Música para Crianças**. Trad. Eric Heneault e Francisco J.M. Couto. São Paulo: Publifolhinha, 2011.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2002.

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Trad. Sérgio Millet. São Paulo: Martins/Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

ÑANDE ARANDU PYGUA. **Memória viva Guarani**. Instituto Teko Arandu. Cáritas Brasileira. Cepam Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado as Educação; Secretaria se Estado da Cultura, 2004.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. **As Lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1987.

NUNES, Angela M. O lugar da criança nos textos sobre sociedades indígenas brasileiras. In: SILVA, Araci Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Angela (Orgs.). **Crianças Indigenas**. Ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002. p. 236-277.

NOBRE, Domingos Barros. Infância Indígena Guaraní MBYA. In: Vasconcellos, Vera Maria Ramos de. Sarmiento, Manuel Jacinto. **Infância (In)Visível**. Araranguara: Junqueira & Marin, 2007.

PILOTTO, Erasmo. **Prática de Escola Serena**. Editora UFPR. Curitiba, 1946.

STEFANI, Gino. **Para entender a música**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO 1

Eu, Juliana do Santos, aluna do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Maria, orientada pela Profª Ms. Kelly Werle, venho por meio deste, **solicitar autorização para utilizar os registros e as fotografias dos alunos da escola indígena Guarani de Salto do Jacuí/RS**. As fotos fazem parte do trabalho desenvolvido por mim com o projeto "Cantando na Escola Indígena" o qual está produzindo dados para minha pesquisa de pós-graduação. O objetivo do projeto é proporcionar experiências musicais vinculadas à expressão cultural indígena num processo lúdico interdisciplinar na qual se tornou importante aliada para os processos de aprendizagens das crianças indígenas Kaingang e Guarani de Salto do Jacuí/RS e de Estrela Velha/RS. Assim sendo, solicito permissão para mostrar fotos das crianças indígenas da aldeia **GUARANI DE SALTO DO JACUÍ/RS** e divulgar em meio acadêmico o projeto realizado. Coloco-me à disposição para os esclarecimentos que julgar necessário. Atenciosamente,



Juliana do Santos

CPF 814112510-91

Fone: 55-9913 1686



Anísio Kuaray Werá

CPF 028 412 920-88

Santa Maria, Julho de 2013.

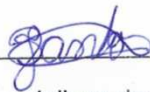
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Santa Maria, Julho de 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO 2

Eu, Juliana do Santos, aluna do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Maria, orientada pela Profª Ms. Kelly Werle, venho por meio deste, **solicitar autorização para utilizar os registros e as fotografias dos alunos da escola indígena Kaingang de Salto do Jacuí/RS**. As fotos fazem parte do trabalho desenvolvido por mim com o projeto "Cantando na Escola Indígena" o qual está produzindo dados para minha pesquisa de pós-graduação. O objetivo do projeto é proporcionar experiências musicais vinculadas à expressão cultural indígena num processo lúdico interdisciplinar na qual se tornou importante aliada para os processos de aprendizagens das crianças indígenas Kaingang e Guaraní de Salto do Jacuí/RS e de Estrela Velha/RS. Assim sendo, solicito permissão para mostrar fotos das crianças indígenas da aldeia **KAINGANG DE SALTO DO JACUÍ/RS** e divulgar em meio acadêmico o projeto realizado. Coloco-me à disposição para os esclarecimentos que julgar necessário. Atenciosamente,



Juliana do Santos

CPF 814112510-91

Fone: 55-9913 1686



Fátima Trindade do Amaral

CPF 977668950-72

Santa Maria, Julho de 2013.